

# A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM **TERRA SONÂMBULA**, DE MIA COUTO

MARIANA CLARK PERES RABELLO\*

Mestranda em Literaturas de língua portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

## *Resumo*



Este presente trabalho pretende analisar a questão da construção da identidade no romance **Terra sonâmbula**, de Mia Couto. Proveniente de um território periférico, marcado pela colonização portuguesa e pela recente guerra civil, a obra de Mia Couto revela-se de extrema importância para a análise da construção da identidade, pois questiona a suposta condição de dependência política e cultural em que se encontram os povos africanos de língua portuguesa. A questão da língua, da construção de uma ideia de nação e da especificidade da literatura em um espaço colonizado contribuem para a discussão. Não é gratuito o fato de que a identidade, bem como toda a ideia de país, se mostre no livro como uma busca pessoal e não como algo meramente herdado de outrem.

Palavras-chave: Construção da identidade; Terra sonâmbula; Mia Couto; Países africanos de língua portuguesa; Colonização portuguesa.

Este trabalho pretende analisar a questão da construção da identidade no romance **Terra sonâmbula**, de Mia Couto. O escritor nasceu em Beira, Moçambique, em 1955. O livro a ser discutido, publicado pela primeira vez em 1992, foi seu primeiro romance. Proveniente de um território periférico, marcado pela colonização portuguesa e pela recente guerra civil, a obra de Mia Couto revela-se de extrema importância para a análise da construção da identidade, pois questiona a suposta condição de dependência política e cultural em que se encontram os povos africanos de língua portuguesa.

É essencial levar esses dados em consideração durante a leitura do romance de Mia Couto, visto que a questão da língua, da construção de uma ideia de nação e da especificidade da literatura em um espaço colonizado contribuem para a discussão. Não é gratuito o fato de que a identidade, bem como toda a ideia de país, se mostre no livro como uma busca pessoal e não como algo meramente herdado de outrem.

Inocência Mata (2007) fala sobre os valores da linguagem e a situação da língua portuguesa nos países africanos que conquistaram a independência de Portugal. A autora chama a atenção para a diversidade linguística entre os países africanos de língua oficial portuguesa, e observa ainda como essa variedade engendra consequências muito próprias em cada um desses países. Essas especificidades são notáveis e não se deve generalizar o uso do português na África, como se não houvesse, para cada um dos países que usam o idioma, características muito peculiares em seu uso. Inocência Mata indica, insistentemente, que o português detém uma posição de poder por ser a língua do colonizador europeu, não obstante ter sofrido inúmeras transformações em contato com outras línguas africanas. A literatura produzida nesses países ilustra muito bem a situação de hibridismo que caracteriza a experiência cultural dos povos africanos.

Maria Nazareth Soares Fonseca e Maria Zilda Fonseca Cury, no livro **Mia Couto: espaços Ficcionalis** (2008), apontam para o fato de essa literatura ser escrita com a língua do colonizador e de ser usada também como instrumento para a própria emancipação africana, tornando sensível o paradoxo experimentado por muitos escritores africanos. Mia Couto, tal como eles, “vive a contradição inevitável, expressa nos seus textos, de ocupar um lugar híbrido de intelectual, publicando numa língua originalmente do colonizador, mas assumida, por razões políticas, como a língua oficial do colonizado e da literatura”. (FONSECA ; CURY, 2008, p. 23).

Adotando o romance, que é um gênero essencialmente europeu, Mia Couto consegue fazer dele uma expressão africana. De acordo com as autoras, é importante perceber não só a forma como o romance de Mia Couto “traz para seu espaço escritural outras linguagens como o mito, a máxima, os provérbios, os neologismos, criando uma nova cultura em português” (FONSECA; CURY, 2008, p. 14), mas ainda sua capacidade de operar aquilo que Inocência Mata já havia denominado “reatualização iniciática das identidades sociais”. (MATA, 2007). Em **Terra sonâmbula**, os diálogos aparecem de forma consistente ao longo da narrativa e tocam profundamente em vários aspectos relativos à busca da identidade. Desse modo, podemos localizar a escrita de Mia Couto em um lugar de fronteira entre a tradição europeia e o saber local, como o próprio autor a caracterizou em várias de suas entrevistas.

É exatamente essa condição de fronteira que nos remete à questão da construção da identidade em **Terra sonâmbula**, na medida em que essa escrita se “converte em possibilidade de retomada do espaço de pertença, de um espaço em que o homem possa se reconhecer.” (FONSECA; CURY, 2008, p. 26). É notável, de fato, que Mia Couto faça com a língua portuguesa o que ele próprio chamou de “brincadeiras”, criando neologismos e expressões peculiares como uma maneira de se apropriar de uma língua que veio do colonizador, mas modificando-a segundo sua sensibilidade artística.

A edição brasileira do livro, adotada neste trabalho, mantém a escrita original de Mia Couto. Há um glossário, ao final do romance, onde é esclarecida a significação de vários termos próprios das línguas de Moçambique. Os neologismos aparecem na formação de adjetivos ou

verbos, acrescentando novos valores semânticos às palavras primitivas. Mesmo que algumas construções causem certa estranheza ao leitor, é evidente como os neologismos e os termos autóctones enriquecem o texto, ampliando e diversificando o léxico da língua portuguesa.

Mia Couto explora consistentemente os significados telúricos ou primitivos da ligação do homem com a terra, simbolizada de diversas maneiras ao longo do livro. O romance se inicia com a revelação de que naquele lugar onde se encontram as personagens, a estrada havia sido destruída pela guerra. Trata-se de uma paisagem devastada, em que hienas se arrastam e a tristeza se adensa, retirando a leveza das cores. Nesse cenário, movimentam-se as personagens em uma dimensão mítica, errando pela terra destroçada, com um desespero pungente e uma recusa da morte. Assim se apresentam Muidinga e Thuair, vagando em busca de um lugar até avistarem um *machibombo*<sup>1</sup> queimado. Nesse momento, também descobrem os cadernos de Kindzu, o único dos mortos que não tinha o corpo queimado. A figura de um homem se faz notável enquanto Muidinga e Thuair retiram as vítimas carbonizadas de dentro do antigo automóvel: “Enterram o último cadáver. O rosto dele nunca chega a ser visto: arrastaram-no assim mesmo, os dentes charruando a terra”. (Couto, 2007, p. 12)<sup>2</sup>. Vê-se aqui a resistência do homem e sua luta tenaz pela terra, já que o corpo é arrastado com os dentes cravados no solo, tal como um arado lavrando o campo.

A presença da escrita e da oralidade, do novo e do antigo, é sensível em **Terra sonâmbula**, envolvendo toda a complexa construção textual e a busca das personagens por sua identidade. É através da alternância de perspectivas entre os cadernos de Kindzu e as vidas de Muidinga e Thuair que decorre a trama. O texto é narrado em primeira e em terceira pessoa. Há uma voz em terceira pessoa que narra as aventuras das personagens que se sucedem ao longo dos capítulos e uma voz em primeira pessoa que narra os escritos de Kindzu.

Recolhido por Thuair em um campo de refugiados, Muidinga não conhece seu passado. O menino é, provavelmente, a personagem mais emblemática da narrativa, sobretudo porque está à procura de sua origem e, portanto, de sua própria identidade. Thuair o socorre do completo abandono. Ao perceber que está vivo em meio a crianças mortas, ajuda-o em seu recomeço e, de certa forma, o educa novamente: “O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez.” (p.10).

A busca de Muidinga por sua origem é bastante explícita. Quando questionado por Thuair por que deseja encontrar seus pais, ele não lhe responde imediatamente, e tampouco esclarece as dúvidas do velho em outras oportunidades nas quais também é interrogado. Nada é explicado para Thuair e nem mesmo para o leitor. Contudo, Muidinga não desiste de indagar, sempre que possível, a respeito de sua vida e de sua origem, remontando a algumas das mais antigas questões da humanidade:

– E me diga: você quer encontrar seus pais porquê?

– Já expliquei tantas vezes.

Espécie de ônibus.

Todas as citações dessa obra foram extraídas da mesma edição e doravante serão assinaladas, apenas, pelo número da página.

– Desconsigo de entender. Vou-lhe contar uma coisa: seus pais não lhe vão querer nem vivo. (p.12).

Thuir fornece poucas respostas; às vezes, quase nenhuma. “O miúdo desiste de mais perguntas. Por que razão o velho teima em não lhe revelar nenhum passado? Seria verdadeira aquela ignorância dele?” (p. 35). Mesmo supondo que Thuir detenha alguma chave para desvendar seu passado obscuro, Muidinga julga que as revelações do velho são de credibilidade duvidosa: “Era como se já soubesse, tudo aquilo não constituísse novidade nenhuma. Ou quem sabe não acreditasse na verdade da revelação.” (p.70). É sozinho, portanto, que o menino deverá percorrer o caminho em busca de sua identidade. Muidinga encontra, afinal, nos cadernos de Kindzu, que passa a ler à noite para o velho Thuir, a possibilidade de uma identidade emprestada.

Fonseca e Cury (2007) chamam a atenção para um fato curioso a respeito da prática dessas leituras e da relação entre o leitor e o seu ouvinte. A tradição reza que os mais velhos detêm a sabedoria e a transmitem para os mais novos. Há uma inversão de papéis no romance de Mia Couto, pois é Muidinga, o menino, que lê para o velho. Este não é o único momento do livro em que há um certo questionamento a respeito da tradição e da hierarquia. Quando Kindzu consulta os sábios antes de partir, ele os compara com um bando de crianças desorientadas, invertendo os valores hierárquicos atribuídos à velhice e à juventude: “Palavraram muita coisa sobre o estado de saúde do falecido mas eu já não lhes prestava atenção. Aquele grupo de idosos, de repente, me pareceu estar perdido também. Já não eram sábios mas crianças desorientadas.” (p.30).

Entremeada com a história de Muidinga, surge a história de Kindzu, a qual temos acesso, pouco a pouco, por meio de onze relatos. Ao tomar contato com os cadernos de Kindzu, Muidinga descobre que sabe ler, balbuciando as palavras, juntando, com dificuldade, os pedaços de letras, assim como faz com sua própria memória. A leitura de um texto alheio ativa no menino seu processo de autoconhecimento, como se a vida e a trajetória de Kindzu passassem a iluminar-lhe a consciência e os vazios deixados na memória:

Depois se senta ao lado da fogueira, ajeita os cadernos e começa a ler. Balbucia letra a letra, percorrendo o lento desenho de cada uma. Sorri com satisfação de uma conquista. Vai-se habituando, ganhando despacho.

– Que estás a fazer, rapaz?

– Estou a ler.

– É verdade, já esquecia. Você era capaz de ler. (p.13).

Kindzu, por sua vez, também está em busca de uma nova identidade. Uma passagem de seu primeiro caderno nos revela uma metáfora interessante a respeito da temática da guerra e a fragilidade em que ela colocou o país, os povos e as famílias, incluindo a sua própria. Trata-se da figura da quebra de um pote, que nos indica precisamente a forte sensação de estilhaçamento pessoal e familiar experimentada pela personagem:

Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos. Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado no chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado meu refúgio já não restava nada. (p. 10, grifo nosso).

Kindzu costumava ir buscar algum sossego na loja de seu amigo indiano Surendra Valá. Os diálogos entre o nativo e o estrangeiro nos revelam questões valiosas a respeito de sua identificação e simpatia mútuas. Curiosamente, Surendra lhe declara: “Somos de igual raça, Kindzu: somos índicos.” (p. 25). Kindzu reconhece, na adoração de ambos pelo mar, o lugar em que se situavam seus antepassados em comum. Ele diz que, no mar, esse passado fica “flutuando sem fronteiras”. (p. 28). É importante notar que a alusão ao mar aparece aqui não só carregada de uma conotação de erotismo e dissolução, mas também com o significado de limite que une e separa os povos e os continentes. Portanto, é esse estado sem fronteiras definidas que pertence àqueles que Surendra chamou “homens que não tem raça”, no trecho seguinte:

- Que pátria, Kindzu? Eu não tenho lugar nenhum. Ter pátria é assim como você está a fazer agora, saber que vale a pena chorar. (...)
- Não gosto de pretos, Kindzu.
- Como? Então gosta de quem? Dos brancos?
- Também não.
- Já sei: gosta de indianos, gosta da sua raça.
- Não. Eu gosto de homens que não tem raça. É por isso que gosto de si, Kindzu. (p.28).

Surendra se diz um homem sem pátria e nos revela sua identificação com Kindzu. Sua mulher, Assane, ouve músicas de sua saudosa terra. A questão da pertença à pátria e do apego à terra está presente em todo o livro e assume formas diferentes para cada personagem, tornando-se um dos principais eixos temáticos de **Terra sonâmbula**. A busca pela identidade, pela pátria, o distanciamento da tradição e a recuperação desta é o motivo que conduz a narrativa. Kindzu traz essa marca em seus escritos e ela será relevante também para Muidinga. As personagens do livro se encontram sempre em partida, na iminência de deixar para trás suas vidas, seus pertences e seus laços afetivos. Quando perde tudo o que tinha – sua família e seu amigo indiano –, Kindzu reflete: “Única saída era sozinhar-me por minha conta, antes que me empurrassem para esse fogo que, lá fora, consumia tudo”. (p. 28). No desespero que lhe afligiu teve, então, o desejo de se juntar aos naparanas, os guerreiros que lutavam na guerra que assolava o país.

Enquanto Kindzu relata sua saga para se tornar um naparama e parte de sua aldeia como um homem de viagem, de acordo com a definição do feiticeiro, Muidinga se serve dos cadernos de Kindzu para fazer indagações sobre si mesmo: “O jovem passa a mão pelo caderno, como

se palpasse as letras. Ainda agora ele se admira, afinal, sabia ler? Que outras habilidades poderia fazer e que ainda desconhecia?” (p.34). E pergunta novamente a Thuair: “Quem eu era, antes do senhor me apalpar?” (p.34).

Uma cena, em especial, merece a atenção por sua riqueza de significados. Quando Muidinga descobre que sabe escrever, o faz gradualmente, assim como se dá a busca por sua própria identidade. Entrar em contato com o mundo letrado e com o universo da palavra escrita, a partir dos cadernos deixados por Kindzu, permite ao menino não somente reconhecer-se alfabetizado e admirar-se com sua capacidade de lidar com aqueles códigos e símbolos até então estranhos ou temíveis mas, sobretudo, iniciar seu processo pessoal de construção da identidade através do domínio da linguagem para, então, de certa forma, torna-se outro.

Então ele com um pequeno pau rabisca na poeira do chão: “AZUL”. Fica a olhar o desenho, com a cabeça inclinada sobre o ombro. Afinal, ele também sabia escrever? Averiguou as mãos quase com medo. Que pessoa estava em si e lhe ia chegando com o tempo? Esse outro gostaria dele? Chamar-se ia Muidinga? Ou teria outro nome, desses assimilados, de usar em documento? (p. 37).

É ainda por meio dos cadernos que Muidinga conhece a história de Junhito, irmão de Kindzu, que sofrera uma metamorfose até se transformar em galinha. Em determinado momento, Muidinga supõe ter-se convertido em Junhito: “Vou dizer. Estou a pensar eu sou Junhito.” (p.39). É interessante essa identificação do menino com o irmão de Kindzu, visto que Junhito sofrera uma transformação substancial em sua própria identidade, perdendo as características que o definiam como ser humano. Seu pai, Taímo, “fez seguir ordens de seu mandamento: o miúdo devia mudar, alma e corpo, na aparência de galinha”. (p.18). A ordem do pai foi tão inquestionável que, depois de sua conversão, “Junhito já nem sabia soletrar as humanas palavras”. (p.19). Podemos pensar que, de certa forma, um fenômeno semelhante ocorre com Muidinga, uma vez que, inicialmente, ele também se encontrava desprovido de uma identidade, a qual foi sendo construída aos poucos. Não é gratuito, portanto, seu interesse repentino por Junhito.

A figura do velho Taímo, pai de Kindzu e Junhito, é marcante no romance, sobretudo porque representa o vínculo com a terra africana. A fala de Kindzu nos indica que algum tipo de rompimento com o pai foi necessário para que ele pudesse tomar outro rumo. Entretanto, ao mesmo tempo, há um espelhamento em Taímo:

Quando eu tencionava responder, lhe falar de minha entrega aos guerreiros blindados, já meu pai me dava as costas. Mesmo depois de morto, chegado em mim só em sonho, ele me ignorava. Chamei por ele e, voz erguida, me expliquei: eu estava a ser guiado por minha vontade. Essa vontade fora ele que me ensinara. Ao fim do cabo, eu estava cumprindo suas silenciosas ordens. (p. 44, grifo nosso).

Taímo aparece em sonhos para Kindzu, amaldiçoando o filho por ter deixado sua aldeia: “O velho Taímo se explicou: eu não podia alcançar

nada do sonhado enquanto a sombra dele me pesasse. A mesma coisa se passava com a nossa terra, em divórcio com os antepassados. Eu e a terra sofríamos de igual castigo.” (p. 45). É interessante perceber como, desde o próprio título do romance, **Terra sonâmbula** põe em relevo a dimensão do sonho, da miragem, da inconsciência e da vigília, tão importantes dentro da construção textual. Eis porque a estrada, antes fixa, se move. A terra, como indicado algumas vezes, encontra-se em estado de sono ou letargia; em outras, parece morta, esperando seu despertar que viria com o término da guerra.

Há uma metáfora belíssima no livro, quando Kindzu observa uma baleia na praia e compara seu país com o animal agonizando na praia e violentamente sendo esquartejado por ávidos disputando pedaços de carne. Segue a narração da personagem:

O povo acorreu para lhe tirar carnes, fatias e fatias de quilo. Ainda não morrera e já seus ossos brilhavam no sol. Agora, eu via o meu país como uma dessas baleias que vêm agonizar na praia. A morte nem sucedera e já as facas lhe roubavam pedaços, cada um tentado o mais para si... Estou condenado a uma terra perpétua, como a baleia que esfalece na praia. Se um dia me arriscar num outro lugar, hei de levar comigo a estrada que não me deixa sair de mim. (p. 23, grifo nosso).

Ao encontrar Farida, Kindzu se incumbe de procurar o filho dela, Gaspar. Nessas conversas, decorridas em um barco abandonado, em que a mulher lhe faz esse pedido, fica claro o registro da oralidade, isto é, da transmissão das narrativas orais, tão marcante em **Terra sonâmbula**. Farida lhe diz que o único remédio para ficar boa novamente, após a perda de Gaspar, seria contar sua história: “A mulher se trocou por palavra até quase ser manhã”. (p. 70). É evidente como as personagens buscam nas narrativas orais e na troca de experiências uma forma de resgatar um passado já perdido. Inúmeras são as solicitações para que se contem histórias. Virgínia, a velha que criou Farida, confessa que, como a célebre Sherazade, também “desdobrou os tempos, contando episódios de sua vida. Demorou dias, em detalhes”. (p. 75).

Finalmente, Kindzu planeja voltar à sua aldeia, frustrado por ter falhado em suas duas ambições: tornar-se um naparama e encontrar Gaspar. Em seu último caderno, fala de um sonho que teve. Deita na terra em desfalecimento, deixa cair seus cadernos e segue pela estrada. Aparece um menino, Muidinga, que recolhe seus papéis: “Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez.” (p. 204). Aqui, de novo, percebe-se o cruzamento das idéias de sonho e de desfalecimento, bem como a menção ao ato de despertar.

Os cadernos carregam, portanto, um significado mágico e iniciático. São capazes de estabelecer um vínculo entre o presente e o passado e de ligar a trajetória do menino aos mais velhos, isto é, aos homens e as mulheres de outras gerações, que já contaram suas histórias e depositaram seu saber nesses mesmos cadernos. Thuair já havia anunciado que “os escritos de Kindzu traziam ao jovem uma memória emprestada sobre esses impossíveis dias”. (p.126). A aquisição dessa memória resgata

o menino e o velho da solidão tão marcante daquele tempo. Assim, Muidinga pôde fabricar seu passado e compreender que a identidade não se recebe única e passivamente no dia do nascimento, mas é algo que o indivíduo deve construir ao longo de sua vida. Esse processo, levado a cabo de maneira vacilante, é um movimento que não só o menino, mas também Kindzu, enfrenta no decurso da narrativa.

Apoderar-se dos cadernos permitiu a Muidinga nascer outra vez, como se adquirisse consciência de que o passado, mais do que uma verdade inquestionavelmente estabelecida pela tradição, trouxesse em si a fragilidade do sonho e das histórias contadas pelos vários narradores de quem Kindzu coletou os relatos. O final de **Terra sonâmbula** joga com o leitor: abre a possibilidade de que, de uma maneira ou de outra, Kindzu tenha de fato reencontrado o filho de Farida e que Muidinga/Gaspar tenha descoberto sua história. Entretanto, esse jogo não deixa também de indicar como Muidinga construiu sua biografia, mesmo que seja através de uma identidade que lhe foi emprestada.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the issue of identity construction in the novel **Sleepwalking Land**, by Mia Couto. Coming from a peripheral territory, marked by the Portuguese colonization and the recent civil war, the work of Mia Couto is proven to be extremely important for the analyses of identity construction, for it questions the supposed condition of political and cultural dependency in which the Portuguese-speaking African people are in. The language issue, the construction of the idea of a nation and the specificity of the literature in a colonized area contribute to the discussion. It is not mere coincidence the fact that the identity, as well as the whole idea of country, is shown in the book as a personal pursuit and not merely as something inherited from others.

Keywords: Identity; Sleepwalking Land; Mia Couto; Portuguese language.

## REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares ; CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.) **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MATA, Inocência. Da língua própria como instrumento do exercício da cidadania. In: **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda: Nzila, 2007.